



Ivan Serpa ao lado de seu quadro Formas, prêmio para jovem pintor da I Bienal de S. Paulo (1951)

Etapas da pintura contemporânea XXXIX

Arte concreta V

Arte concreta no Brasil

Artes Plásticas Ferreira Gullar

Por volta de 1951, surgiram no Brasil as primeiras manifestações de arte concreta, e essas manifestações não brotavam como resultado natural da evolução da moderna pintura brasileira e sim como reação a ela. Aque-la altura, o ambiente artístico do País nesse setor era dominado ainda pela figura de Cândido Portinari, pôsto pela crítica acima de qualquer discussão. Di Cavalcanti, Segall e Pancetti constituíam o segundo anel do prestígio e a arte brasileira parecia destinada a seguir o rumo que a obra desses artistas — e particularmente a de Portinari — lhe traçara. O nome de Alfredo Volpi era então praticamente ignorado e Milton Dacosta vencía pacientemente as etapas que o conduziriam anos depois à abstração. Os artistas jovens, que se negavam a adotar o estilo e os temas portinariescos, experimentavam vacilantes sem saber que rumo imprimir à sua pintura. Foi então que Mário Pedrosa, depois de ter criticado duramente uma das últimas obras murais de Portinari (o **Tiradentes**), começou a chamar a atenção da crítica e dos artistas para a arte abstrata e, posteriormente, para a arte concreta. O meio era hostil a essas idéias mas, de início, dois jovens pintores de talento evidente decidiram-se a romper com a linguagem figurativa para experimentar no campo novo: Ivan Serpa e Almir Mavigner. A esses juntou-se, logo, Abraão Palatnik que inventou e construiu, ainda em 1951, o seu primeiro aparelho cinemacromático.

A I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo, inaugurada em outubro de 1951, viria dar um impulso decisivo ao movimento nascente, proporcionando aos artistas e críticos brasileiros o conhecimento das obras abstratas ou concretas de Sofia Taeuber-Arp, Max Bill, Richard P. Lohse, Walter Bodmer, Oskar Dalvit, Leo Leuppi e outros, que integravam a representação da Suíça. O Grande Prêmio de Escultura do certame, concedido pelo Júri Internacional à **Unidade Tripartida**, de Bill, assinalava a primeira grande vitória da arte concreta numa exposição dessa natureza e chamava a atenção para esse artista, cuja obra e cujas idéias iriam, a partir de então, influir profundamente no curso da arte brasileira. Por outro lado, esse mesmo júri que premiou Bill, concedeu o prêmio destinado à jovem pintura nacional ao pintor Ivan Serpa. O aparelho cinemacromático de Palatnik, ali exposto por concessão especial, despertara entusiasmos, perplexidades e reações hostis. Mas, de qualquer maneira, as sementes estavam lançadas e o movimento iria se desenvolver amplamente nos anos seguintes.

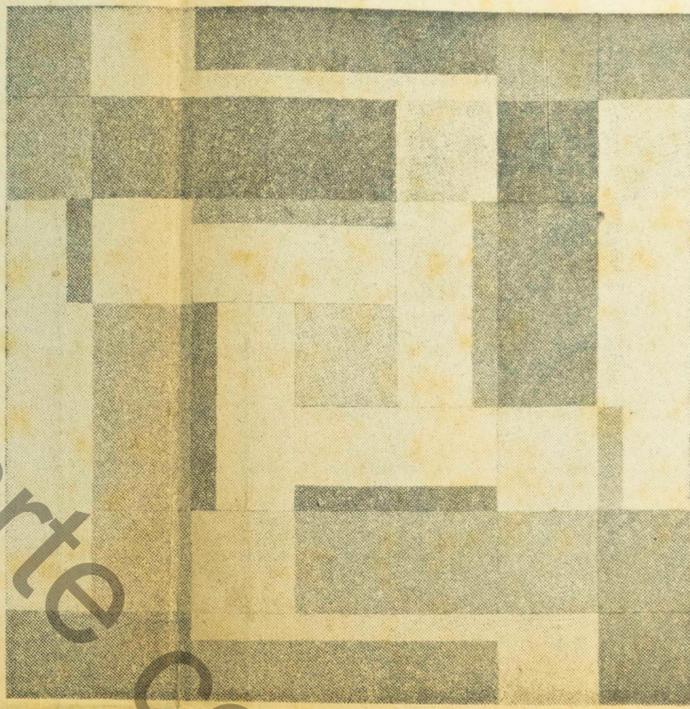
Em torno de Ivan Serpa agruparam-se vários artistas que, em 1953, apresentaram-se numa exposição coletiva, no Instituto Brasil-Estados Unidos, sob o nome de Grupo Frente. Esse grupo, que se formara inicialmente de ex-alunos de Serpa, ampliou-se ainda mais com a adesão de Franz Weissmann e Lygia Clark que, derivando de experiências abstratas, penetraram o âmbito da linguagem geométrica. Da segunda exposição do Grupo Frente, realizada no Museu de Arte Moderna do Rio, em 1955, participaram os seguintes artistas: pintores — Eric Baruch, Aloisio Carvão, Lygia Clark,

João José da Silva Costa, Hélio Oiticiza, Abraão Palatnik, Ivan Serpa, e Décio Vieira; gravadora — Lygia Pape; e escultor — Franz Weissmann. (1) Prefaciando o catálogo da exposição, Mário Pedrosa acertava: "Os artistas do Grupo Frente procuram a disciplina ética e a disciplina criadora; do contrário não poderiam experimentar livremente, como o fazem". Esclarecia que, se a característica do grupo era o **horror ao ecletismo**, e que nada tinha que ver com o princípio parnasiano da **arte pela arte**, pois: "A arte para eles não é atividade de parasitas nem está a serviço de ociosos ricos, ou de causas políticas ou do Estado paternalista. Atividade autônoma e vital, ela visa a uma altíssima missão social, qual a de dar estilo à época e transformar os homens, educando-os a exercer os sentidos com plenitude e a modelar as próprias emoções". Pelo que ficou dito acima, percebe-se que o Grupo Frente, embora constituído em sua maioria de artistas de tendência concreta, não obedecia a nenhum código estético rígido. Para esses artistas, a linguagem geométrica não era um ponto de chegada mas sim um campo aberto à experiência e à indagação. Esse adogmatismo dos concretistas cariocas — que teria importante consequência para o desenvolvimento da arte concreta no Brasil — separava-os, desde o início, do grupo concreto de S. Paulo que, por volta de 1951, formara-se em torno de Valdemar Cordeiro e Geraldo de Barros. Além desses nomes, integravam o grupo de artistas concretos de São Paulo os pintores Luiz Sacilotto, Hermelindo Fiaminghi, Maurício Nogueira Lima e Judith Lauand; o desenhista Lothar Charoux e o escultor Casemiro Fejer, alguns dos quais advindos, como Cordeiro e Barros, do grupo **Ruptura**, cujo manifesto foi lançado em 1951. O teórico dos dois artistas concretos de S. Paulo é o pintor Waldemar Cordeiro, para quem, em 1956, a arte concreta que praticavam definia-se como "o barroco da bidimensionalidade", dado o interesse com que exploravam àquela época a vibração ótica como uma espécie de **aspiração ao movimento**. Num texto, intitulado o **objeto** (revista AD, n.º 20), Cordeiro definiu esse interesse seu e de seus companheiros de grupo: "A pintura espacial bidimensional alcança o seu apogeu em Malevitch e Mondrian. Agora surge uma nova dimensão: o tempo. Tempo como movimento. A representação transcende o plano, mas não é perspectiva, é movimento".

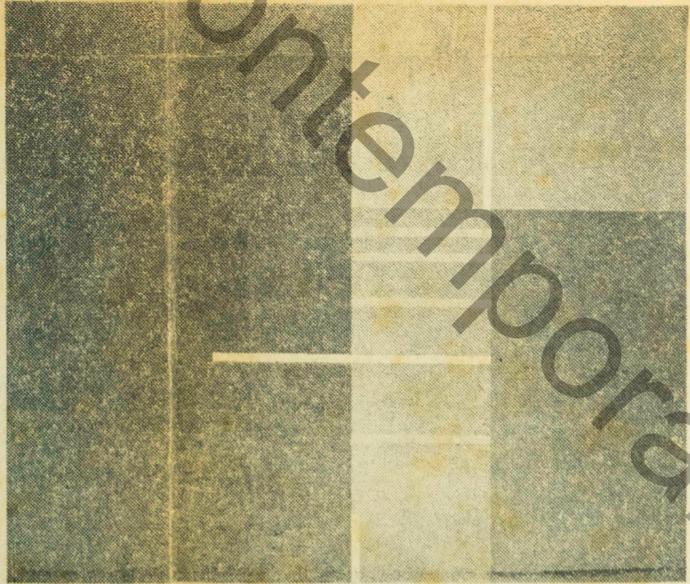
Em dezembro de 1956 e fevereiro de 1957, respectivamente no Museu de Arte Moderna de S. Paulo e no Ministério da Educação e Cultura, no Rio, realizou-se a I Exposição Nacional de Arte Concreta (2) reunindo os concretos do Rio e de S. Paulo. Essa exposição — que punha pela primeira vez em confronto as duas tendências do concretismo brasileiro, teve ampla repercussão e marcou o início de uma etapa nova das experiências concretas, obrigando os artistas cariocas a tomar uma posição mais definida em face das idéias veiculadas pelo grupo paulista. Aquela exposição revelava, de modo flagrante, as divergências entre os dois grupos: os cariocas, de modo

geral, mostravam uma preocupação pictórica, de côr e matéria, que não havia nos paulistas, mais preocupados com a dinâmica visual, com a exploração dos efeitos da construção seriada. Podia-se ver que, àquela altura, a arte concreta brasileira padecia de dois exageros contraditórios: da parte dos cariocas — um Serpa, um Carvão — certo desintere-se pela indagação de alguns problemas básicos da estética concretista; da parte dos paulistas, a exacerbada intenção de tudo formular e de trabalhar segundo essa formulação prévia. Já aí, dois artistas pelo menos mantinham-se a salvo desses exageros: Lygia Clark e Franz Weissmann. A primeira apresentava algumas de suas **Superfícies moduladas**, onde já afirmava sua posição nova, revolucionária, em face dos problemas colocados pela estética biliana. Weissmann, menos audacioso, impunha a suas obras uma coerência e uma economia de estrutura que não partiam de um **a priori** estético mas de um sentido profundo da forma espacial. A posição desses dois artistas — e principalmente a experiência radical e continuada de Lygia Clark já definiam o caminho que iria tomar a arte concreta no Brasil com a formação, em 1959, do

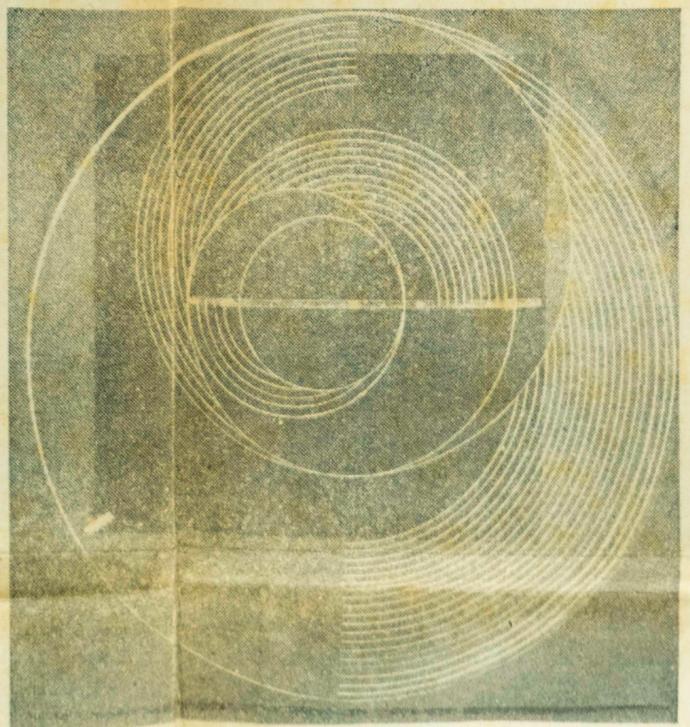
Grupo Neoconcreto. Cumpre referir aqui a alguns artistas brasileiros que, embora seguindo a tendência concreta, não se ligaram a nenhum dos dois grupos, como é o caso de Almir Mavigner, Mary Vieira, Amílcar de Castro, Willys de Castro e Antônio Malufi. Os dois primeiros — Almir e Mary — seguiram muito cedo para a Europa, (1951-52) tendo o primeiro se radicado em Ulm e a segunda em Zurique. Um e outro seguiram de perto as experiências de Max Bill, tendo até aqui realizado obras em que é evidente a influência biliana. Não obstante, sobretudo Mary Vieira, dentro desse vocabulário que adotaram, dão provas de sua força inventiva e de apurado senso formal. Amílcar de Castro vem trabalhando isoladamente há muitos anos, tendo integrado em 1959 a I Exposição Neoconcreta. Sua escultura exprime uma implacável vontade de despojamento, como se ele buscasse os ritmos mais simples, mais diretos, para revelar uma complexa vivência da forma.



Superfície Modulada, obra de Lygia Clark, 1955



Pintura de Aloisio Carvão, 1954



Idéia Visual, Waldemar Cordeiro, 1954

- (1) O Grupo Frente não compreendia exclusivamente artistas concretos. Dêle faziam parte também a pintora naïve Elisa Martins da Silveira e Carlos Val, surpreendente revelação do curso de arte infantil de Ivan Serpa. A presença desses dois artistas não contrariava a posição teórica do grupo, sempre interessado nas manifestações estéticas puras como a pintura primitiva, a arte dos loucos e das crianças.
- (2) A I Exposição Nacional de Arte Concreta deveu sua grande repercussão à presença, nela, das primeiras manifestações da poesia concreta que eram assim trazidas a público pela primeira vez. Os poetas concretos que participaram dessa exposição são os seguintes: Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos, Wladimir Dias Pino, Ronaldo Azeredo e Ferreira Gullar.